

TENSÕES HOMOERÓTICAS NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA: a trajetória de um campo *gay*

Keyel Fortes de Resende Melo¹

RESUMO:

Pretende-se evidenciar as articulações entre o ativismo do movimento homossexual brasileiro (MHB) e a expansão universitária no sentido de proporcionar a formação de um campo historiográfico específico para se pensar as práticas sexuais entre os homens. Para tanto, focaliza-se inicialmente nas obras de alguns dos considerados interpretes brasileiros do início do século XX, bem como em obras de fins de 1970 e início de 1980. Também serão fonte documental para este trabalho as páginas do *Lampião Da Esquina*, um jornal alternativo homoerótico que circulou na maior parte do Brasil entre 1978 e 1981, momento sintomático para pensar a abertura política e seus impactos na visibilidade e redefinição da homossexualidade, que em grande medida, impulsionaram e contribuíram para as pesquisas com esta temática na historiografia.

PALAVRAS-CHAVE: Homoerotismo. Historiografia. Militância

Em que pese à historiografia brasileira das últimas décadas do século XIX e início do XX, o tema mais abordado pode ter sido a miscigenação e o erotismo que permeava as relações entre os sujeitos. Alguns dentre tantos dos convencionados interpretes do Brasil estão Gilberto Freyre, Paulo Prado, Caio Prado e Sergio Buarque de Holanda que abordaram tanto os assuntos referentes às raças e suas miscigenações, como de maneira mais tangente teceram considerações sobre a sexualidade.

Neste período o Brasil lentamente saía de uma atmosfera menos provinciana e cedia a um novo espírito de progresso e industrialização. Parcela dos brasileiros que tinha poder econômico para mandar seus filhos para o exterior para estudar Direito e Medicina, para assim retornarem “doutores” faziam parte do orgulho do homem mediano local, uma forma de perpetuação do poder da virilidade, um capital cultural sobre as demais raças.

Mas, o intercâmbio cultural não favorecia apenas um conhecimento valorativo privilegiado e distintivo no campo social, mas também tinha o poder de encantar os sujeitos, transformando seu modo de ver e ser no mundo. Gilberto foi um desses sujeitos que ao tomarem notas no mundo exterior, aprimorou o olhar para as peculiaridades do povo brasileiro, onde sua narrativa enchia de erotismo as relações

¹ Mestrando em História do Brasil pelo PPGHB/UFPI, bolsista CAPES. Formado em História pela UFPI e em Direito pela UNINOVAFAPI, membro da comissão da diversidade sexual da OAB/PI. Email: kelyelresende@gmail.com

entre raças. Sua formação foi parte graças às perspectivas estrangeiras dos países que visitou, como Inglaterra e Berlim, mas, sobretudo, da Universidade de Columbia, que na época despontava como vanguarda das ciências sociais nos Estados Unidos². Entre suas influências teóricas estão a antropologia cultural, uma contribuição do seu orientador, Franz Boas; a sexologia de Havelock Ellis para associação entre o tamanho do sexo masculino e a intensidade do desejo; e, o materialismo histórico de Marx e Engels, pelo qual fez reiteradas observações que a prática social modela os corpos.

Gilberto Freyre foi um dos primeiros a ressaltar aspectos positivos da miscigenação, a lamentar a pouca participação pública da mulher e a tratar das mais diversas práticas sexuais entre os sujeitos. Na obra *Casa Grande e Senzala* a partir de relatos dos viajantes e jesuítas no Brasil Colonial, era possível vislumbrar a lascívia vivenciada entre as consideradas três raças. Relações entre as índias e os portugueses, do afago das senhas e seus escravos, e das práticas sexuais entre homens, africanos, brancos e negros, assuntos antes silenciados. Também aborda a questão erótica aliada em gestos simples como o olhar, ou mesmo a relação com o paladar e o gozo do alimento com o frenesi sexual, além da forma fálica de alguns deles, sinalizando para o possível consumo de Freud por parte de Freyre³.

Paulo Prado, por outro lado, enfatiza um lado negativo da sexualidade, a partir da ideia de promiscuidade moral, imbricado na perspectiva cristã. Encarava a prática sexual enquanto atividade controlada. Percebia entre seus pudores que o indígena como animal lascivo. Prado conclui o seu *Retrato do Brasil* em 1927, onde dedicou um capítulo para a luxúria, trabalhando na perspectiva das raças e da religião as práticas sexuais cometidas no Brasil colonial:

Para homens que vinham da Europa policiada, o ardor dos temperamentos, a amoralidade dos costumes, a ausência do pudor civilizado – e toda a contínua tumescência voluptuosa da natureza virgem – eram um convite à vida solta e infrene em que tudo era permitido⁴.

² Ver: BOCAJUVA, Helena. Erotismo à Brasileira: o excesso sexual na obra de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

³ Ver: vainfas; casa grande erótica: a sexualidade na obra-prima de Gilberto Freyre. In: Interpretações do Brasil. Org. Fábio Almeida de Carvalho, João Kennedy Eugênio, 1ª ed. , Rio de Janeiro: E-papers, 2014.

⁴ Ver: PRADO, Paulo. Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira. 9ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp 73-74

Caio Prado Junior em a *Formação do Brasil*, obra de 1942, aborda a questão econômica com mais ênfase nas explicações sobre o Brasil e quando toca na questão sexualidade, é apenas de maneira tangente, sinalizando para o desregramento moral, desestruturação da família e da religião, o que causava problemas mais amplos⁵.

Para Margareth Rago, Caio Prado Junior inicia a tendência marxista de interpretação da História, sinalizando para estrutura econômica como o lugar de inteligibilidade social. No que tange às práticas sexuais, é no capítulo sobre o povoamento que ele percebe na miscigenação das raças o surgimento da população, onde estabelece uma perspectiva moralista⁶.

Para Sergio Buarque de Holanda a temática da sexualidade não ocorre de maneira direta, mas apenas de maneira transversal⁷. O autor escreve sobre nossas raízes culturais, asseverando que existiu uma espécie de institucionalização do afeto por parte da família patriarcal, a partir do momento que o pai de família decidia o rumo que as coisas se encaminhariam, principalmente o governo da sua casa, onde em um dado momento houve uma passagem de competência dessa institucionalização do afeto, da família para o Estado, notadamente quando este passa por um processo de urbanização.

Sergio Buarque inova com o conceito de homem cordial que estaria nas raízes de nossa cultura, mas adverte ser este um sujeito que direciona seus atos conforme os desejos de seu coração e que por isso, denuncia existir certa promiscuidade entre o público e o privado no que tange ao dinheiro e investimento. A partir disso, pensa ser o próprio sistema patriarcal, calcado em certa autoridade capaz resolver as questões éticas:

A família patriarcal fornece, assim, o grande modelo por onde se hão de calcar, na vida política, as relações entre os governantes e os governados, entre monarcas e súditos. Uma lei moral inflexível, superior a todos os cálculos e vontade dos homens, pode regular a boa harmonia do corpo social, e portanto deve ser rigorosamente respeitada e cumprida⁸.

Cumprir dizer que nestas perspectivas de se analisar a identidade nacional do Brasil, com ênfase na miscigenação das raças, cumpria ao índio o imaginário de maior

⁵ Ver: PRADO JUNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo : colônia*. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.

⁶ Ver: RAGO, Margareth. *Sexualidade e Identidade na Historiografia Brasileira dos anos vinte e trinta*. Revista Estudos Interdisciplinares de América Latina y el Caribe, n 1, v 12.

⁷ Ver: HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁸ Ver: HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

liberdade sexual e civilidades outras, que eram mais facilmente incorporados pelos africanos⁹. Nestas abordagens, a sexualidade está presente na cultura brasileira desde a sua origem, mas as diferentes formas de concepção da sexualidade tenderam a silenciar as práticas mais dissidentes, quando comentadas raramente não levavam um teor moral rígido.

A escrita da História não considerava relevante tratar de assuntos de cunho sexual até este período, mas o erotismo e o caráter sensual dos povos que habitavam estas terras se sobressaltavam nas vozes dos interpretes do Brasil mesmo que apenas tangencialmente ou quando a ênfase fosse tendenciosa para o moralismo mais pudico.

No mesmo período na França, o que ocorreu em 1929 foi a criação dos *Annales* enquanto revista e sua pretensão de institucionalização enquanto escola nos campos da história social e econômica. A Segunda Guerra regrediu o desenvolvimento da escola, e com o fim dela e o fuzilamento de um de seus líderes, Bloch em 1944. Contudo, após o episódio, a escola se canonizou ao conquistar o espaço intelectual nas instituições mais reconhecidas. Somente, por volta de 1960 é que a sexualidade, o corpo e os sentimentos é que serão considerados como questões históricas em razão do sucesso da história cultural e das mentalidades¹⁰.

Gilberto Freyre, Paulo Prado, Caio Prado Junior e Sergio Buarque de Holanda que são algumas das referências historiográficas mais citadas para se entender o Brasil colonial, trouxeram inovações para o campo antes mesmo da reivindicação daquela escola sobre as novas abordagens. Isto é, apesar da temática histórica referente à sexualidade, aos afetos e ao corpo renderem glórias, em grande parte, apenas aos franceses da Escola dos *Annales*, foi em décadas anteriores que isto se revelou no Brasil mesmo que de maneira ambígua.

Na segunda metade do século XX, o campo cultural brasileiro passava por uma reconfiguração da sexualidade, sinalizado por uma tendência à adaptação bissexual,

⁹ Não por acaso, Afonso Arinos relata a importância do imaginário do índio brasileiro para a Revolução Francesa, vez que momentos anteriores a esta Revolução e por ocasião das navegações, os relatos de pessoas tão livres de regras e de extrema liberdade sexual chegava ao outro continente, mais do que relatos, levaram a uma cidade da França, Rouen, dois índios para um festival e batismo. Momento em que os franceses perceberam ser o índio brasileiro a representação do que eles almejavam para o governo e para si. Ver: FRANCO, Afonso Arinos de Melo. O índio brasileiro e a revolução Francesa: as origens brasileiras da teoria da bondade natural. 3ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1976.

¹⁰ Ver: BURKE, Peter. História e Teoria Social. Tradução Klauss Brandini Gerhardt, Roneide Venâncio Majer, Roberto Ferreira Leal, 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2012

paralelamente com a crise da família tradicional e pelo gradativo espaço público reivindicado pelas mulheres. A ciência médica reconfigurava seu saber em relação ao orgasmo feminino e as práticas sexuais reais e as instituições mais severamente atingidas pelo novo individualismo moral foram à família tradicional e as igrejas organizadas tradicionais no Ocidente.

Estas modificações na vida da juventude ocasionou uma rebelião que culminou em maio de 1968 em Paris, sem muita expressividade política, mas de grande impacto cultural, pois nem mesmos os intelectuais da época tinham respostas claras sobre o que estava ocorrendo¹¹. Em 1969, outro marco, o levante no Bar Stonewall em Nova York, onde cerca de quatrocentas pessoas reuniram-se para beber até que sobreveio a intervenção policial, que cobrava subornos e proferia humilhações costumeiramente. Até que certo dia, um grupo de travestis reagiu com socos e pontapés. O confronto tomou maiores proporções, as pessoas que moravam nos prédios jogavam objetos contra a polícia¹². O protesto durou cinco dias e configurou uma ruptura ao cotidiano de subalternização dos homossexuais, para o momento em que os corpos dissidentes decidiram resistir¹³.

Estas questões impulsionaram o movimento homossexual no exterior e as políticas identitárias. O fluxo de ideias e de pessoas entre as fronteiras possibilitava a uniam de vozes desses sujeitos. Assim, meses após o evento de Stonewall surge o primeiro grupo organizado de luta pelos direitos civis de gays e lésbicas, o *Gay Liberation Front*¹⁴.

No que tange ao contexto brasileiro, as transformações no campo da sexualidade e nas políticas identitárias somente vieram a ocorrer de maneira mais efetiva, em meados de 1970 e 1980¹⁵. Merece destaque a função primordial dos jornais

¹¹ A ideia mais aceita é a resposta de Certeau que considera que houve uma tomada da palavra por parte dos estudantes, o que equivaleria à tomada da Bastilha na revolução francesa, uma vez que a sociedade no pós-guerra era governada por uma gerontocracia masculina.

¹² Ver: PÉRET, Flávia. *Imprensa Gay no Brasil: entre a militância e o consumo*. São Paulo: Publifolha, 2011.

¹³ Ver: MOLINA, Luana. Pluralizando a arte de amar: a homossexualidade e a historiografia da trajetória do movimento homossexual. *MÉTIS: história & cultura* – MOLINA, Luana – v. 10, n. 20, jul./dez. 2011.

¹⁴ Ver: Peret PÉRET, Flávia. *Imprensa Gay no Brasil: entre a militância e o consumo*. São Paulo: Publifolha, 2011.

¹⁵ Para Julio Simões e Regina Faccinhi, esta militância homossexual brasileira pode ser dividida em três momentos, o primeiro momento em 1978 e 1979 quando surge o *Lampião da Esquina (1978-1981)*, e o grupo *Somos* como forma de grupo homossexual organizado, marcando o período para o Movimento

alternativos para a articulação de vozes consideradas minoritárias, uma vez que o regime ditatorial não possibilitava o debate livre sobre determinadas temáticas. O *Lampião da Esquina* foi o primeiro jornal homossexual de circulação nacional, ao contrário das publicações de 1960, distribuídas de maneira clandestina e quase sempre gratuitamente, era vendida em bancas de jornal de várias cidades. Servia como articulador das vozes homossexuais, bem como servia de articulador dos eventos sociais que ocorriam fora do país, graças ao conselho editorial composto por 11 intelectuais assumidamente homossexuais¹⁶.

O objetivo do *Lampião da Esquina* era informar e despertar uma consciência de identidade nos seus leitores¹⁷. Para tanto, divulgava notas de esclarecimento sobre as mais recentes pesquisas no campo da sexualidade, tais como o relatório de Kinsey¹⁸, o relatório de Hite¹⁹, a invenção da pílula²⁰, a descoberta do gozo feminino²¹, entre outros. Tudo isso com o fim precípuo de evidenciar que as práticas sexuais entre homens e entre mulheres era algo que não deveria ser temido ou tido como anormal. Seus editores colocavam em suas páginas textos acadêmicos em razão do próprio local do qual partiam, levando em conta que partiam em grande parte dos centros universitários. Mas, possuíam também um espírito muito ativista, divulgando em muitos momentos os múltiplos grupos de homossexuais que surgiam pelo Brasil no momento. A partir deste periódico as vozes dos sujeitos e as mais diferentes perspectivas sexuais puderam ser abordadas na defesa do prazer e de uma racionalidade mais crítica. Destaca-se a defesa pelas minorias, pela ecologia, pelos homossexuais e lésbicas, índios e negros. Momento em que Gilberto Freyre passa a ser reanalisado:

Entendo pouco de sociologia e tabelas estatísticas. Mas não é necessária muita sapiência *sociologês* para perceber que preto no Brasil não é vítima de preconceito racial na medida em que ele se

Homossexual Brasileiro. Ver: SIMÕES, Júlio Assis e FACCHINI, Regina. Na Trilha do Arco-Íris: Do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

¹⁶ Aguinaldo Silva, Adão Costa, João Silvério Trevisan, Peter Fry, Antônio Mascarenhas, Darcy Pentead, Francisco Bittencourt, Clóvis Marques, Antônio Chrysóstomo, Jean- Claude Bernardet, e Gasparino Damata.

¹⁷ Ver: ANDRADE, Marciano Vieira. O Orgulho de ser: identidade, política e gênero no *Lampião da Esquina* (1978-1981). Dissertação de mestrado defendida pela Universidade Federal do Piauí, 2015.

¹⁸ *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, p. 13, 25 jul. / 25 ago. Ed. 03, 1978.; p. 04, out. Ed. 05. 1978.

¹⁹ *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, p. 13, 25 jul. / ago. Ed. 3. 1978; p. 02, dez. Ed. 07. 1978.; p. 17, abr. Ed. 11. 1979.

²⁰ *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, p. 03, out. Ed. 05. 1978.

²¹ *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, p. 02, fev. Ed. 21. 1980.

coloque no seu devido lugar. Neste sentido, para a olímpica e cândida visão de um componente da aristocracia rural pernambucana, poucos momentos podem ter-lhe servido como experiência vivida de preconceito racial. Isto é um possível resultado de ter escrito a respeito de racismo no Brasil dentro da "Casa" e não dentro da "Senzala". Sustentaria as mesmas teorias o nosso conceituado sociólogo caso ele fosse negro?²²

A perspectiva branda do intérprete foi contestada. O local de fala agora era dos netos dos negros que encontravam no periódico um espaço para a contestação e para o debate sobre as mais distintas facetas sociais. Nesta tarefa social de modificação das relações de poderes no mundo hierarquizado pelo gênero e pela heteronormatividade²³, seus editores foram acusados de atentado à moral e aos bons costumes pelo Ministro da Justiça em agosto de 1978. No ano seguinte, a polícia não encontrou provas suficientes e o inquérito não se tornou ação penal.

Neste mesmo ano, foi criado em São Paulo o grupo *Somos*, nome que partiu de uma inspiração do movimento homossexual da argentina, que levava a mesma definição. A participação de Nestor Perlongher neste momento se dá com a divulgação do panfleto estrangeiro com o nome do grupo, para João Silvério Trevisan, que viria a se tornar um dos fundadores do grupo e editores do *Lampião da Esquina*, local em que as reuniões do grupo homossexual eram divulgadas, bem como informações de outros grupos de afirmação que passaria a surgir desde então.

No entanto, a abertura para a questão homossexual e a simultaneamente ao surgimento dos grupos de afirmação, em meio às tensões sociais de ser e estar homossexual. Alguns destes sujeitos inseridos no ambiente acadêmico adotaram paralelamente uma política de militante à causa homossexual, posto que consideravam a importância da união coletiva de suas vozes para fazer frente aos discursos contra as práticas homoeróticas. Deste modo, autores importantes construíram um campo de estudo sobre homossexualidade no Brasil na década de 1970 e 1980, retomando os antigos eixos dos intérpretes e incorporando uma perspectiva cultural e política acerca

²² *Lampião da Esquina*. E se Gilberto Freyre também fosse negro? (Jorge Schwartz). Rio de Janeiro, ed. 13, p 02

²³ Sobre este conceito, ver: BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

de suas práticas. Entre eles: Peter Fry, Nestor Perlongher, Richard Parker, James Green, Luiz Mott e tantos outros²⁴.

Em *O que é a Homossexualidade* (1985), Peter Fry e Edward MacRae tratam de maneira lúcida o seu próprio contexto e entendimento sobre as diferentes abordagens que teóricas que tentavam responder a pergunta do título, deixando claro que a sua resposta estaria situada no campo da cultura e da política, e não da psicologia e da medicina:

Como estamos conscientes da historicidade dos próprios conceitos de ‘homossexualidade’ e ‘heterossexualidade’, vislumbramos também um dia em que este livro e seu título serão vistos como curiosidade da década de 1980²⁵.

Outro momento de ruptura para o movimento homossexual ocorreu em 1980, quando é fundado o décimo grupo brasileiro de afirmação identitária, o *Grupo Gay Da Bahia* pelo antropólogo Luiz Mott, que semelhante ao *Somos*, estavam desarticulados e sem muitas informações, mas decididos por lutar pela despatologização da homossexualidade e assim, também atuar na desconstrução dos estereótipos.

Paralelamente, a esta situação de recrudescimento do pensamento acerca do movimento homossexual, emergem contribuições solidárias no sentido de repensar a doença e as práticas, contribuindo para uma abertura de um novo campo, os estudos homossexuais desta vez, mais relacionado com os estudos de psicologia e do campo da saúde.

Os estudos sobre o corpo, a sexualidade e os desejos, foram temáticas consideradas irrelevantes para a historiografia mais institucionalizada até meados de 1980, quando a história social e a história das mentalidades abriram novos rumos para a pesquisa²⁶. Neste período, o debate teórico acalorado possibilitou um pensamento que migrava de um estudo do gênero, e conseqüentemente, sinalizava para os estudos sobre as práticas sexuais entre homens, os quais foram contemplados pelo espaço teórico. A leitura feminista contribuiu para um estudo inicial das masculinidades também, tendo

²⁴ Ver: GÓIS, João Bôsko Hora. Desencontros: As Relações Entre Os Estudos Sobre A Homossexualidade E Os Estudos De Gênero No Brasil. Estudos Feministas, Florianópolis, 11(1): 336, jan-jun/2003.

²⁵ Ver: FRY, Peter; MACRAE, Edward. O que é homossexualidade? São Paulo: Abril Cultural: brasiliense, 1985, p 16.

²⁶ Ver: ENGEL, Magali. História da Sexualidade. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

em vista o aspecto relacional dos corpos possibilitou a criação do campo de gênero. Surgindo para os homens uma primeira chave de leitura, o discurso de uma masculinidade vitimária, devido ao papel social do homem provedor fruto do sistema capitalista e expressões simbólicas do meio social²⁷. No entanto, esta chave de leitura explicava os homens da margem, aqueles que não se adequavam ao papel social, mas carecia de maiores explicações quanto àqueles que se beneficiavam do sistema que sobrepunham o masculino em relação ao feminino.

Posteriormente, emergem as contribuições dos pós-estruturalistas franceses, com o grande expoente Michel Foucault e o estudo da sexualidade como dispositivo de poder. E, depois as teorias anglo-americanas de cunho psicanalítico, inspirado em diversas escolas, com o grande nome do Peter Gay e seus estudos sobre os sentidos e os sentimentos, que se encaixa como freudiano²⁸. Tanto a perspectiva pós-estruturalista quanto o da psicanálise busca explicar a identidade de gênero do sujeito e os processos pelos quais ela é formada, no entanto, divergem os primeiros em relação aos segundos, porque estes dão ênfase a linguagem e a representação do gênero, enquanto aqueles dão mais valor de análise à experiência concreta do sujeito em relação ao objeto.

A questão das homossexualidades enquanto análise histórica só foi e é possível porque parte de um duplo local, da demanda social, como também porque parte de locais de poder-saber importantes do universo acadêmico historiográfico. O movimento feminista abriu os campos para novas políticas de afirmação identitária, tais como o homossexual, que impulsionados pelos jornais alternativos, sobretudo, o *Lampião da Esquina* alcançaram maior visibilidade e articulação entre as suas vozes. Assim, a possibilidade do alargamento da abordagem histórica do gênero, para o corpo e para suas práticas sexuais, mesmo que entre pessoas do mesmo sexo, tornou-se possível porque o campo historiográfico foi amadurecendo intelectualmente desde a escrita da história demográfica às mulheres,

Em meados da década de 1990, o Estado e os grupos homossexuais pareciam estar em parceria, pela designação do termo LGBT para englobar gays, lésbicas, bissexuais e travestis/transsexuais, incorporando as paradas do orgulho de ser em grande

²⁷ Ver: DE OLIVEIRA, Pedro Paulo. Discursos sobre a masculinidade. Revista estudos feministas, v 6, n1, 1998

²⁸Ver: ENGEL, Magali. História da Sexualidade. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

parte do país²⁹. Parafraseando Seignobos “os fatos históricos só existem por sua posição relativamente a um observador”³⁰, isto implica dizer que o estudo histórico é relacional, diz não somente do passado, como também pretende explicar o próprio presente, uma vez que as questões que fazem o historiador questionar o passado sinalizam as angústias do contexto em que vive este observador.

Neste ponto, a escrita da história da homossexualidade masculina articula-se para a intersecção entre os estudos sobre lesbianidades, transexualidades e travestilidades e a perspectiva de gênero e *queer* com seus atravessamentos foucaultianos³¹, para que o campo *gay* não se torne apenas uma trajetória fechada em si, mas que proponha novas perspectivas de análise, com novas formas de pensar o mundo e seus sujeitos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Marciano Vieira. *O Orgulho de ser: identidade, política e gênero no Lampião da Esquina (1978-1981)*. Dissertação de mestrado defendida pela Universidade Federal do Piauí, 2015.

BOCAYUVA, Helena. *Erotismo à Brasileira: o excesso sexual na obra de Gilberto Freyre*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

BURKE, Peter. *História e Teoria Social*. Tradução Klauss Brandini Gerhardt, Roneide Venâncio Majer, Roberto Ferreira Leal, 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2012

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARRARA, Sérgio; SIMÕES, Julio Assis. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. *cadernos pagu* (28), janeiro-junho de 2007:65-99.

CECCARELLI, Paulo Roberto. A invenção da homossexualidade. *Revista BAGOAS*, n. 02 | 2008 | p. 71-93

DE OLIVEIRA, Pedro Paulo. *Discursos sobre a masculinidade*. Revista Estudos Feministas, v 6, n1, 1998

²⁹ Ver: SIMÕES, Júlio Assis e FACCHINI, Regina. Na Trilha do Arco-Íris : Do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

³⁰ Ver : Seignobos apud. Prost, Antoine. Doze lições sobre a História. 2008, p 65

³¹ Ver: VERAS, Elias Ferreira; PEDRO, Joana Maria. Os silêncios de Clio: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 6, n.13, p. 90 - 109, set./dez. 2014.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

ENGEL, Magali. História e Sexualidade. In: *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*, Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.), Rio de Janeiro, Elsevier, 1997, 19ª reimpressão

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *O índio brasileiro e a revolução Francesa: as origens brasileiras da teoria da bondade natural*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1976.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. 51ªed. São Paulo: Global, 2006.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade ?* São Paulo: Abril Cultural: brasiliense, 1985.

GÓIS, João Bôsko Hora. Desencontros: As Relações Entre Os Estudos Sobre A Homossexualidade E Os Estudos De Gênero No Brasil. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 11(1): 336, jan-jun/2003

HEILBORN, Maria Luiza. “Ser ou Estar Homossexual: dilemas de construção da identidade social” In: PARKER, Richard e BARBOSA, Regina. *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996, p. 136-145.

HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Tradução Marcos santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. – São Paulo : Companhia das Letras, 1995, pp 253-336

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. _____ . *Visões do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 6ª ed. 3ª reimp. São Paulo: Brasiliense, 2004.

KATZ, Jonathan Ned. *A invenção da Heterossexualidade*. Tradução Clara Fernandes – Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. *Nas redes dos conceitos de gênero*. In: Marta Júlia Marques (org.) *Gênero e Saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MOLINA, Luana. Pluralizando a arte de amar: a homossexualidade e a historiografia da trajetória do movimento homossexual. *MÉTIS: história & cultura* – MOLINA, Luana – v. 10, n. 20, jul./dez. 2011

PÉRET, Flávia. *Imprensa Gay no Brasil: entre a militância e o consumo*. São Paulo: Publifolha, 2011.

PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. 9ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PRADO JUNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo : colônia*. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.

PROST, Antoine. *Doze Lições Sobre a História*. Tradução de Guilherme Joao de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

RAGO, Margareth. Sexualidade e Identidade na Historiografia Brasileira dos anos vinte e trinta. *Revista Estudos Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*, n 1, v 12.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, v. 15, n 2, jul-dez, 1995.

SIMÕES, Júlio Assis e FACCHINI, Regina. *Na Trilha do Arco-Íris : Do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

SEVENCKO, Nicolau. *A Corrida para o Século XXI: no loop da montanha-russa*. Coordenação Laura de Mello e Souza, Lilia Moritz Schwarcz. – São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVA JUNIOR, Aureliano Lopes. Para uma história dos concursos de beleza trans: a criação de memórias e tradição para um certame voltado para travestis e mulheres transexuais. *Cadernos Pagu* (50), 2017

VERAS, Elias Ferreira; PEDRO, Joana Maria. Os silêncios de Clio: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 6, n.13, p. 90 - 109, set./dez. 2014.

WEEKS, J. O Corpo e Sexualidade. In: LOURO, G, L. (orgs.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*, 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.